TEILHARD EM PORTUGAL Hoje

Boletim da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

I TRIMERSTRE 2011 ANO V Nº 14

SUMÁRIO:

✓ **EFEMÉRIDE**

✓ **Teilhard de Chardin**
«par lui-même»
«A palavra esperada»

✓ **LENDO**
Teilhard em Grupo: A Missa sobre o Mundo
Abílio Barros

✓ **LIVROS de Teilhard**
(à venda na AAPTCP)

✓ **AAPTCP – actividades**
Assembleia-geral
Plano de actividades para 2011

✓ **ORANDO com Teilhard**
« Le Milieu Divin »

✓ **LA PENSÉE de Teilhard**

Ω

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

R.Vila Catió, 397 - 6º esq.
1800-348 LISBOA

teilhard.portugal@sapo.pt
www.portugal.teilhard.org

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos

EFEMÉRIDE

100 anos da ordenação e da primeira missa de Teilhard, em Hastings

No dia 24 de Agosto de 1911, Teilhard de Chardin foi ordenado presbítero em Ore Place, Hastings, ao sul da Inglaterra. Por que razão Teilhard, sendo francês, não foi ordenado em França? A explicação está na legislação laicizante do governo francês, que vigorou desde 1880 até 1926, proibindo o ensino religioso no país, com períodos de menor rigor de aplicação alternando com outros mais contundentes de perseguição e até confiscação de bens das ordens religiosas. Estas circunstâncias forçaram os jesuítas a transferir para Inglaterra os seus institutos de formação própria.

Teilhard, que tinha ingressado no colégio jesuíta de Mongré em 1892, num período de maior condescendência na aplicação da lei, entrou em 1900 em Laval para terminar o noviciado e fazer o juvenato, tendo ali pronunciado os seus primeiros votos, em 1901. Mas, já em Outubro desse mesmo ano, devido ao recrudescimento da intransigência do governo francês, teve de se transferir para a ilha de Jersey, a fim de acabar o juvenato, onde, de 1902 a 1905, fez os três anos de filosofia. De 1905 a 1908, ensina Físico-Químicas num colégio jesuíta do Cairo, como parte da sua formação na Companhia, mas, em Setembro de 1908, regressa a Inglaterra para realizar, em Hastings, o escolasticado (teologado), ali permanecendo, até 1912. Entretanto, a 24 de Agosto de 1911, é ali ordenado presbítero, acto a que assistiram os seus pais e irmãos, vindos expressamente de França.

Num artigo publicado em "The Teilhard Newsletter", órgão da BTA – British Teilhard Association, de Fevereiro deste ano, David Grummet, professor de teologia na Universidade de Exeter, RU, aponta-nos o ambiente especial que se vivia, então, em Ore Place, mestres e discípulos convivendo em clima de intensa actividade intelectual dum elevadíssimo nível. Entre os colegas de Teilhard dessa época contam-se os padres Pierre Rousselot, Pierre Charles, Auguste Valensin. O futuro cardeal Henry de Lubac, mais tarde grande amigo de Teilhard e ele próprio aluno em Ore Place na década seguinte, deixou-nos dessa vivência este saboroso testemunho: *"Ali estávamos realmente como que fora do mundo, por momentos longe de quaisquer responsabilidades do apostolado; sós em grupo, como se estivéssemos num grande barco navegando sem rádio no meio do oceano. Mas que vida intensa dentro daquele barco e que viagem maravilhosa!"* Grummet recorda-nos que foi durante a sua estadia em Ore Place que Teilhard começou a ganhar uma noção espiritual da evolução, *"uma Corrente profunda, ontológica, total, abraçando todo o Universo em que me movia"*, segundo as palavras do próprio Teilhard, anos depois. Em "Le Cœur de la Matière", sua autobiografia escrita em 1950, viria ele a escrever, recordando os seus tempos de Hastings: *"… l'extraordinaire densité et intensité prises pour moi vers cette époque, par les paysages d'Angleterre – au coucher du soleil surtout – quand les forêts du Sussex se chargeaient, eût-on dit, de toute la vie «fossile» que je poursuivais alors, de falaises en carrières, dans les argiles wealdiennes."*

Também o sentido cristológico do pensamento religioso de Teilhard despontou no ambiente de Hastings, onde os estudos bíblicos franceses desenvolveram novas formas de abordagem da cristologia pauliniana. E D. Grummet cita ainda René d'Ouince, amigo e superior de Teilhard, quando nos fala dele: *"Por mais decisivo que o choque da Grande Guerra possa ter sido para o pensamento de Teilhard, houve uma intensa actividade intelectual que o precedeu. Quero mesmo crer que a maioria das ideias teológicas de Teilhard ganhou corpo durante o escolasticado [em Ore Place], naquelas conversas entre iguais, onde os jovens intelectuais comunicavam livremente o resultado das suas reflexões pessoais"*.

Para assinalar este 1º centenário da ordenação de Teilhard de Chardin, a *British Teilhard Society* organiza um evento comemorativo da Primeira Missa de Teilhard, celebrada em Ore Place no dia 25 de Agosto de 1911. O programa deste encontro, que decorrerá durante todo o dia de 25 de Agosto de 2011, na igreja onde Teilhard foi ordenado presbítero, St. Mary Star of the Sea, 1 High Street, Old Town, Hastings, compreende:

- Conferência de D. Grummet "The French Jesuits in Hastings, 1883-1926"
- Celebração da Eucaristia com leitura de textos da "Missa sobre o Altar do Mundo", de Teilhard
- Almoço
- Mesas redondas
- Visita ao "White Rock Museum", onde se encontram peças paleontológicas do espólio de Teilhard

Para inscrições neste encontro contactar:
Canon Alan Nugent, The Subdeanery, 18 Mister Yard, Lincoln LN2 1PX, dean@lincolncathedral.com

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE
PIERRE TEILHARD DE CHARDIN
EM PORTUGAL

CONFERÊNCIA

A Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal
tem o prazer de anunciar a realização de uma conferência/debate, pelo teólogo

Prof. AFREDO DINIS sj

versando o tema :

O pensamento de
Teilhard de Chardin
e a exigência conciliar de
"novas análises e novas sínteses"

(GS 4 e 5)

24 de Maio de 2011
21.30h

Auditório da Igreja de S. João de Deus,
Rua Brás Pacheco, 4, Lisboa, à Praça de Londres

O Prof. Alfredo Dinis é padre jesuíta, doutorado em Cambridge e director da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, em Braga, onde é professor de Filosofia da Ciência

ENTRADA LIVRE

A PALAVRA ESPERADA

No meio da crise total que o Mundo atravessa, não existe hoje em dia um só homem, crente ou não, que não clame, no fundo da sua alma, pela luz – uma luz que lhe mostre um sentido e uma saída para as convulsões da Terra. Talvez nunca, desde o ano I da era cristã, se tenha a Humanidade encontrado ao mesmo tempo tão desligada das suas formas do passado e tão ansiosa em relação ao seu futuro, - tão próxima mesmo de receber um Salvador.

Como sabemos, o Salvador, para nós, cristãos, já nasceu. Mas, nesta novíssima fase da Humanidade, não deverá ele *renascer*, à medida das nossas necessidades presentes? Neste momento (sei-o por múltiplos desabafos), os olhos estão postos em Roma. Irá a Igreja, no momento decisivo, ser capaz de colher um Mundo em plena transformação que se-lhe oferece? Irá a Igreja, no momento crítico, encontrar a palavra que, explicando o que se passa, nos restituirá a clareza do olhar e a alegria de agir – a palavra esperada?

No grande corpo cristão, não tenho eu, simples elemento, a pretensão de mostrar aos chefes a rotas a seguir. Mas porque, por diversas razões acidentais e por temperamento, me encontrei vivendo, mais do que outros, junto do coração da Terra, sinto a necessidade de explicar, aqui, com toda a sinceridade e confiança, a forma renovada de adoração de que eu creio compreender que esse coração tem necessidade.

I. Um diagnóstico possível da situação: crise de crescimento

Impressionados pelas desordens intelectuais e morais que perturbam neste momento a massa humana, alguns inclinam-se a pensar que nós nos encontramos muito belamente em vias de regredir e de nos desagregar. Sob a influência desta forma de ver, gostariam, para salvar a civilização em perigo, de reconduzir a todo o custo os espíritos emancipados aos moldes das perspectivas antigas.

O mal, em minha opinião, é totalmente duma outra natureza – e inteiramente outro, por consequência, o remédio a aplicar-lhe. Quanto mais me interrogo a mim próprio, bem como tantos outros em meu redor, mais me convenço do seguinte: a infidelidade às regras tradicionais tem certamente uma larga parte nas inquietações que sofremos. Mas essa mesma infidelidade é mais insatisfação do que cobardia. Algo é demasiado estreito e algo nos falta no Evangelho tal como nós o apresentamos. Apesar das aparências, a nossa era é mais religiosa do que nunca: apenas tem necessidade dum alimento mais substancial. Não se trata de crise de enfraquecimento nem de esfriamento espirituais, mas crise de metamorfose e de crescimento: é este o género de provação por que passamos.

Inútil, pois, ou mesmo perigoso, nestas condições, pregar-se um simples regresso ao Passado. É por necessidade de encontrar outra coisa, algo de novo, que o Homem se debate actualmente. Horizontes vastos e não laços apertados, eis, se não me engano, a única coisa que poderá eficazmente reconduzir a nossa geração aos caminhos da Verdade.

Mas esses horizontes, precisamente, de que lado os procurar? Que querem hoje em dia os humanos, ou seja, no fundo, o que os perturba?

II. As raízes profundas da crise: um novo sol nascente

Na origem primeira das inquietações intelectuais e sociais que marcam a presente crise coloca-se, em meu entender, uma mudança importante, ocorrida sub-repticiamente, no decurso dos dois últimos séculos, no mais profundo desta consciência religiosa humana a que costumamos chamar «a alma naturalmente cristã».

Até à aurora dos tempos modernos, o problema da salvação para o homem podia colocar-se em dois termos apenas: a existência terrestre de cada homem e os seus Fins últimos; os breves anos de vida e a Eternidade; o indivíduo humano e Deus. *E nada entre ambos*.

Ora, ao longo somente de duzentos anos, que aconteceu?... O Homem, no seguimento dum conjunto complexo de descobertas exteriores e de iluminações interiores, tomou consciência, ao mesmo tempo, dos incríveis recursos acumulados na massa humana *e* das possibilidades abertas a esta energia para construir uma obra tangível, *aguardada*, de progresso na natureza. Acima do Homem, já não imediatamente Deus mas uma grandeza intercalar, com o seu cortejo de promessas e de deveres. Sem sair do Mundo, o Homem encontra assim, doravante, acima dele,

uma espécie de «adorável», um maior que ele: é à aparição da Terra de amanhã, do novo astro, atraindo a si os poderes religiosos do Mundo, a que, na sua origem, se associam, penso eu, as perturbações da hora presente. Daí, em todo o caso, o surgimento irresistível dos grandes Mitos, cujos parto e choques abalam a civilização antiga. Não mais simples heresias no seio do Cristianismo; mas, frente ao Cristianismo, uma religião de aparência totalmente nova, que ameaça varrer tudo. A tentação na Montanha, se quisermos: mas infinitamente subtil, visto já não se tratar, no caso, de adoração gozosa, mas de conquista desinteressada, indubitavelmente geradora de enormes forças espirituais. A Caridade suplantada, nas consciências, pelo «Sentido da Terra».

Nesta conjuntura, nós, os cristãos, que devemos fazer?

III. Solução geral da crise: a conjugação dos dois astros no céu da humanidade

Não poderíamos, conforme disse, pregar bom senso ao homem, obrigando-o a recuar para qualquer estado há muito ultrapassado. Igualmente não seria de procurar, para o converter, suprimir do seu horizonte o objecto pseudo-divino que, sob os símbolos de Humanidade, de Raça ou de Progresso, acaba de se lhe ser apresentado. Quer queiramos ou não, nós, tal como somos, não experimentamos no fundo de nós mesmos a influência da nova estrela? Para cada um de nós (para os mais crentes de entre nós), o problema espiritual coloca-se em equilibrar não mais duas, mas *três* Realidades em presença: a nossa alma, Deus *e* o Futuro terrestre do Mundo à nossa frente. Negar a existência e o valor deste último objecto seria falsearmo-nos, mentirmos a nós próprios, e, portanto, à nossa Fé.

Mas então, sendo assim, a solução geral do problema esclarece-se. Ela desprende-se por si. À coisa ameaçadora, absorvente, que nós não podemos nem devemos suprimir do nosso céu, porque ela *existe*, só há uma maneira de lhe escapar: é de a vencer por uma Força maior que ela. Não seria possível assimilá-la, baptizá-la, cristianizá-la, *cristificá-la*?

«Venha a nós o vosso Reino». Este triunfo de Deus limitar-se-á, como talvez pensássemos, a um domínio puramente interior e «sobrenatural» das almas? Ou, pelo contrário, não pressuporá, tanto como a realidade tangível dos nossos corpos individuais, o acabamento do organismo humano colectivo através das idades?

«Amai-vos uns aos outros». Esta disposição, essencialmente cristã, limita-se a suavizar, uma a uma, as dores dos nossos irmãos? Ou antes, não exige ela converter-se em simpatia activa pelo grande Corpo humano, de forma não somente a pensar as chagas, mas a desposar as suas ansiedades, as suas esperanças, todos os crescimentos ainda esperados dela pela criação?

Incorporar o progresso do Mundo nas nossas perspectivas do Reino de Deus. Incorporar o Sentido da Terra, o Sentido humano, na Caridade. O Mundo não eclipsando já Deus, nem nos arrastando por uma linha divergente. Os dois astros entrando numa harmoniosa conjugação. As duas influências ajustando-se hierarquicamente uma à outra para nos elevar e nos desprender numa mesma direcção. «Deus amictus mundo». É evidente que esta operação, se ela fosse possível, faria cessar de imediato e radicalmente a oposição interna que nos afecta.

Ora, o que é preciso, que é suficiente, para que esta transformação libertadora se opere? Simplesmente, e é aí que quero chegar, que vamos até ao fundo do nosso Credo, no seguimento simultaneamente lógico e histórico do seu desenvolvimento.

IV. O grande remédio: a manifestação do «Cristo-Universal»

«Nova et vetera». É da habitual economia da vida cristã que, no dado revelado, certos elementos, há muito adormecidos, subitamente se desenvolvem em ramos poderosos à conveniência e medida dos tempos novos de novas necessidades.

Tal é, em meu entender, na nossa época o papel reservado à grande ideia, tão essencialmente dogmática, do *Pleroma* cristão. O Pleroma: a misteriosa síntese do Incriado e do Criado – a grande completude (tanto quantitativa como qualitativa) do Universo em Deus. É impossível ler S. Paulo sem se ficar estupefacto com a importância dada pelo Apóstolo a esta noção tomada no seu realismo absoluto; e com o lugar relativamente obscuro em que ela foi abandonada até agora pela pregação e pela teologia; e com a maravilhosa conveniência que ela proporciona às necessidades religiosas do tempo presente. Deus recolhendo em si não apenas uma vasta dispersão de almas, mas a sólida e orgânica realidade dum Universo tomado de alto a baixo na extensão e unidade totais das suas energias. Não era precisamente este o ponto que procurávamos tacteando?

De facto, bem parece que, dirigida por um instinto divino e paralelamente à subida das aspirações humanitárias modernas, a seiva cristã está já a afluir, para fazer brotar o botão há tanto tempo adormecido. Começado há apenas dois séculos com o culto do Coração de Jesus, desenha-se com evidência na Igreja um movimento de fundo para a adoração de Cristo, considerado nas suas influências sobre o Corpo místico, e, por consequência, sobre todo o organismo social humano. O amor de Cristo: energia em que se fundem, sem se confundirem, todos os elementos eleitos da Criação. Ultimamente, por um gesto que exprime um estado decisivo na elaboração do dogma, Roma traduziu e consagrou na figura do Cristo-Rei esta marcha para a frente, irresistível, da consciência cristã, no sentido duma apreciação mais universalista e realista da Incarnação.

A minha ideia e o meu sonho seriam que, por prolongamento lógico do mesmo movimento, a Igreja explicitasse e apresentasse ao Mundo, como o fazia já S. Paulo aos seus convertidos, a grande figura d'Aquele em quem o Pleroma encontra o seu princípio físico, a sua expressão e consistência: o Cristo-Ómega, o Cristo Universal. « Descendit, ascendit, *ut repleret omnia*» («Desceu e subiu, a fim de *tudo preencher*»). Para os Romanos, os Coríntios, os Efésios, os Colossenses, esta imagem tinha sem dúvida uma significação confusa, porque então o «Mundo», o «Todo» (com o que estas palavras implicam hoje para nós de organicamente definido) não existiam ainda para a consciência humana. Mas para nós, a quem a grandeza recém-descoberta do Universo fascina, ela exprime exactamente o aspecto do Deus esperado pela nossa adoração. Cristo-Rei, Cristo Universal: entre os dois uma simples nuance talvez, mas que é tudo; toda a diferença colocada entre um poder externo, que não poderia ser senão jurídico e estático, e um domínio interno que, desencadeado na Matéria e culminando na Graça, opera sobre nós a favor e através de todas as ligações orgânicas do Mundo em progresso.

Nesta figura do Cristo Universal Motor, Salvador, Mestre e Termo daquilo a que nos nossos dias chamamos «Evolução», não há o mínimo perigo, tenhamos a certeza, de que o Cristo-Homem se volatilize, nem que a mística se desvie nalguma forma de adoração panteísta ou impessoal.

Nascido dum engrandecimento do Coração de Jesus, o Cristo Universal requer, sob pena de se desvanecer, a realidade histórica da sua natureza humana; e, ao mesmo tempo, em virtude do mecanismo específico do amor, ele finaliza, sem a absorver, a personalidade dos elementos que reúne a si, no termo da união. E nenhum perigo, tão pouco, de que os fiéis atraídos por Ele esqueçam o Céu, se deixem cativar por algum naturalismo pagão e levar por uma conquista materialista da Terra. O Cristo Universal, em toda a sua glória, não emergirá sempre da Cruz?

Não há perigo. E, em contrapartida, que vantagens e que sedução!

Sobre este ponto (e falo por experiência), a minha convicção é profunda. A consciência religiosa moderna, definitivamente conquistada pela ideia de uma «sobre-humanidade» a nascer dos nossos esforços, mas impotente para encontrar, para as suas aspirações, nem representação nem fórmula de acção coerentes, *não resistiria* a um cristianismo que se propusesse salvar a esperanças mais actuais da Terra. E isso seria então o Neo-paganismo convertido até às raízes. E seria, também, uma nova vaga de seiva humana passando no coração, quantas vezes humanamente anémico, dos crentes.

Só o cristão (e isso *na medida em que* ele se penetre das propriedades humano-divinas do Cristo Universal) se encontra em posição de fazer, hoje em dia, face aos complexos apelos da Natureza e da Graça, por um acto incrivelmente rico e simples, por um *acto completamente sintético*, em que ser reúnem, se corrigem e se exaltam mutuamente o espírito de desprendimento e o espírito de conquista, o espírito de tradição e o espírito de intrépida investigação, o espírito da Terra e o espírito de Deus.

Não bastará que a Igreja, se quiser levar a um termo fecundo as convulsões modernas, nos convide para a descoberta e para o exercício desta forma tão moderna da Caridade?

Após dois mil anos, num Natal do Cristo Universal, a afirmação dum optimismo cristão: não seria isso a mensagem e a palavra de ordem por que nós esperamos?

Padre Pierre Teilhard de Chardin
Pequim, 31 de Outubro de 1940
In Tomo 11, Obras Completas
(tradução de António Paixão)

"LA MESSE SUR LE MONDE"

(Teilhard de Chardin)

Numa leitura de Abílio Barros[1]

Porto, 29 de Outubro de 2010, 21h
Lisboa, 3 de Fevereiro de 2011, 21h
Grupos de Leitura Teilhard de Chardin
CREU-IL (Porto), Campo Grande (Lisboa)

1. Preâmbulo

Caríssimos,

Encontramo-nos mais uma vez para meditar *sobre* e *com* Teilhard de Chardin. Sim, não é erro. É *com* e *sobre* Teilhard de Chardin que meditamos. Assim sendo, neste nosso encontro somos convidados a meditar mais uma obra sua: *A Missa sobre o Mundo*; ou se preferirem no título original – *La Messe sur Le Monde*.

Como com certeza vos recordareis, foi respondendo a um convite[2], para meditar sobre *A Missa sobre o Mundo*, que hoje me apresento aqui perante vós. E ainda que seja um convite, ou precisamente por sê-lo, é de um desafio que se trata: um desafio a ir mais *longe* e mais *fundo* no pensamento e na pessoa de Teilhard de Chardin. E que desafio, meus amigos! Ainda para mais não sendo eu nenhum jesuíta ou teólogo especializado neste pensador, cientista e sacerdote jesuíta, como é Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955); mas apenas um simples homem, que, além da pouca idade, apresenta poucos conhecimentos científicos, teológicos, filosóficos ou místicos.

Reconhecendo todas estas limitações; reconhecendo a grandeza e a importância deste exercício (não por causa do resultado, mas pelo objecto de estudo), que posso eu dizer acerca desta obra que, talvez, já não tenha sido dito pelos mais eminentes teólogos? Provavelmente nada. Ainda assim, e porque é de reflexão pessoal que se trata, é como tal que a partilho convosco; na esperança de que com a graça do Espírito Santo – o Paráclito, o Intérprete – possamos todos *crescer mais* para *ser mais*: no conhecimento, amor e serviço a Cristo Senhor Nosso.

2. Introdução

Comecemos com alguns apontamentos introdutórios. Para tal, socorrer-me-ei de um autor americano: THOMAS M. KING – sacerdote jesuíta, especialista em Teilhard de Chardin e grande apreciador d' *A Missa sobre o Mundo* – ao ponto de ter escrito um livro sobre a mesma[3]. Na *Introdução* desse livro[4] refere que, embora Teilhard indique no final da obra «Ordos 1923» – sugerindo que a escreveu no deserto de Ordos (Mongólia Interior), aquando da sua primeira expedição à China – esta apresenta uma versão prévia de 1918 (sob a forma de ensaio intitulado *"Le Prêtre"*, escrito durante a I Guerra Mundial [1914-1918]), sendo que o próprio Teilhard de Chardin, já no final da vida (1951), desejava reescrevê-la. Tal nunca chegou a acontecer, segundo testemunho de Mlle Jeanne Mortier[5] em conversa com o Pe KING, s.j.:

> *«Plus tard, à Paris, j'eus des conversations avec Mlle Jeanne Mortier (…). M'interrogeant sur plusieurs de ses écrits, elle me demanda lequel je préférais. Je répondis sans hésiter :* La Messe sur le Monde. *Elle sourit et dit: "Moi aussi." Sachant que Teilhard avait souvent parlé de modifier le texte, je lui demandai si elle en avait différentes versions. Elle répondit qu'elle n'en avait reçu qu'une seule : dix pages non datées, proprement tapées à la machine, sans corrections ni ajouts»*[6]

Além dele [Pe KING, s.j.], muitas outras pessoas ficaram profundamente tocadas com as obras de Teilhard, nomeadamente com a que nos traz aqui hoje. Refere como exemplo o Papa João Paulo II (†2005). Diz KING:

> *«En 1996, le pape Jean Paul II célébra le cinquantième anniversaire de sa propre ordination en écrivant* Don et Mystère. *Il y reprenait* La Messe *de Teilhard pour exprimer ce que la messe signifiait pour lui: l'Eucharistie est* «célébrée afin d'offrir *"sur l'autel de la terre entière le travail et la peine du Monde"* selon les mots magnifiques de Teilhard de Chardin». *Il samble que le Saint-Père ait gardé ce texte sous la main, car son encyclique sur l'Eucharistie*, Ecclesia de Eucharistia *(2003), il utilise l'image de Teilhard : il parle de chaque messe comme présentant un caractère* «cosmique. Oui, cosmique ! Car même

[1] Membro dos Grupos de Leitura Teilhard de Chardin do Porto (CREU) e de Lisboa (Campo Grande)

[2] Do secretário da AAPTCP, António Paixão, coordenador dos Grupos de Leitura

[3] Na versão francesa: KING, T.M., s.j. «LA MESSE DE TEILHARD – *Une lecture de* LA MESSE SUR LE MONDE». *Médiaspaul* (*Juin* 2008). *Traduit d l'américan par* Marie-Anne Roger. 256 pp.

[4] KING, T.M., s.j., *op.cit.* , p.17.

[5] Pessoa responsável pela publicação póstuma das obras de P. Teilhard de Chardin.

[6] KING, T.M., s.j., *op.cit.* , p. 15

lorsqu'elle est célébrée sur un petit autel d'une église de campagne, l'Eucharistie est toujours, en un sens, sur l'autel du monde»[7]»[8].

Faz referência ainda a outras pessoas, com quem chegou a conversar pessoalmente sobre a pessoa de Teilhard de Chardin: Pierre Leroy (que trabalhou durante muitos anos com Teilhard na China); o cardeal Henri de Lubac, amigo pessoal de Teilhard; John McMahon (Padre Provincial em Nova York, durante os últimos anos de vida de Teilhard), entre outros.

Ainda na *Introdução* desenvolve outros aspectos, que eu chamaria de *conselhos* (referirei apenas aqueles que me suscitaram maior interesse[9]). O primeiro deles é o de que, se pretendemos compreender o pensamento de Teilhard, devemos recordar que na base do seu pensamento está a convicção profunda de que *Cristo é a Alma do Mundo.* Segundo KING, a expressão "Alma do Mundo" é uma expressão antiga da qual Teilhard se apropria e, socorrendo-se de S. Paulo, associa a Cristo Ressuscitado. Mas ao apropriar-se dela, modifica-a, entendendo que o Mundo está *"en train d'acquérir une âme. Il devient de plus en plus organiquement un, et l'évólution est le processus par lequel les choses s'unifient, de sorte que le monde finira par former le corps auquel le Christ donne son Âme. C'est ainsi qu'il parle de* «christogènese»*"*[10]. O segundo "conselho" prende-se com o facto de Teilhard diferenciar três *Corpos de Cristo*: um **real** (a Eucaristia), outro **místico** (a Igreja, a comunidade dos crentes) e ainda um outro **cósmico** (o Universo). O terceiro prende-se com o seguinte: o de não esquecer que quando Teilhard escreveu *A Missa,* concebeu-a como *oração*; e para a compreendermos, devemos assumi-la, olhá-la como tal. O próprio Teilhard rezava com ela sempre que não conseguia, ou não podia, celebrar a missa.

3. *La Messe sur Le Monde* – Uma leitura

Passemos então ao texto propriamente dito. Assim sendo, e para ser mais fácil para quem lê (ouve a leitura d') estas linhas, permitam-me seguir a estrutura que Teilhard de Chardin elaborou para a redacção destas reflexões. É uma boa forma de imprimir alguma ordem nestas pequenas notas da minha autoria. Além disso, socorrer-me-ei, mais uma vez, de T.M. KING; nomeadamente dos seus *"COMMENTAIRE DE PASSAGES DE* LA MESSE SUR LE MONDE*"*[11], de modo a poder desenvolver um pouco mais as minhas notas, uma vez que conhecia, e ainda conheço pouco da obra de *P.T.Ch.*

OFERENDA

Outrora na Guerra – nas florestas do Aisne. Agora nas estepes da Mongólia[12]. Também aqui, como outrora, muitas foram as vezes em que Teilhard não tinha *"nem pão, nem vinho, nem altar"*, o que o impedia de celebrar condignamente a Eucaristia, i.e. segundo as normas vigentes na época (pré Concílio Vaticano II [1962-1965]). Por isso, celebra esta *"missa espiritual"* (expressão de KING), dizendo: *"oferecer-vos-ei, eu, Vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo"*.

Devo dizer que quando li estas duas passagens pela primeira vez, não pude deixar de a sublinhar, e por isso a refiro aqui. Pão/Trabalho/Vida; Vinho/Dor/Morte.

Igualmente interessante e digno de nota é o que Teilhard diz dois períodos mais adiante: *"Colocarei na minha patena, ó meu Deus, a colheita esperada deste novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados"*.

Estes dois elementos – pão e vinho – remetem para o *desenvolvimento* e *diminuição* do mundo. Dois temas que, segundo KING, são frequentemente referidos e abordados por Teilhard. Surpreendente foi encontrar nos comentários de KING a esta passagem d' *A Missa*, dois conceitos científicos – a *evolução* e a *entropia*: dois processos que acontecem constantemente, diariamente no Universo; a evolução, como processo responsável pela estruturação progressiva do Universo, complexificação; a entropia, como o processo contrário – o da desintegração, do caos, da confusão. Segundo o mesmo autor, na *Missa* de Teilhard, Deus encarna quer no crescimento do mundo (o corpo) quer na sua diminuição (o sangue), como que para levar o Universo inteiro para lá da diminuição e para o integrar na Sua Vida, a vida eterna. Consagra-os. Como exemplos disso mesmo, KING refere os Salmos (onde se crê que onde Deus está, reina a ordem); as crenças da Antiga Babilónia: em que Marduk (a ordem) combate Tiamat (o caos) e vence (O Mundo fica estável); ou ainda o *Génesis* (cf. 1,1-2): *"No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia"*. Para Teilhard, a evolução é o processo a partir do qual Cristo forma o seu Corpo, não dizendo que Deus criou o mundo mas que está continuamente a criá-lo. E, contrariamente às liturgias antigas, para Teilhard

[7] JOÃO PAULO II (2003). Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n.º 8.
[8] KING, T.M., s.j., *op.cit.* , p. 16
[9] KING, T.M., s.j., *op.cit.* , pp. 17-21.
[10] KING, T.M., s.j., *op.cit.* , p. 18
[11] KING, T.M., s.j., *op.cit.*, *Chapitre V*, pp. 153-196

[12] Aonde chegou a convite de Émile Licent, missionário jesuíta, tendo vindo de barco de Marselha até Saigão, passando pela Índia, Ceilão, Hong Kong e Pequim; para de seguida rumar, via comboio e mula, ao deserto (em Tientsin) a fim de estudar uns utensílios/ferramentas da Idade da Pedra.

também a morte, o caos e a entropia recebem a sua consagração sob a forma do sangue de Cristo. Também as suas misérias, frustrações e desaires são consagrados e são vistos como oportunidade de comungar do sangue de Cristo.

> *"Venham, pois, a mim a recordação e a presença mística daqueles que a luz desperta para uma nova jornada! Um a um, Senhor, que eu os veja e os ame* (…) *este Oceano Humano* (…)*"*

Assim prossegue Teilhard de Chardin, invocando a memória dos próximos e dos distantes, dos conhecidos e dos anónimos, dos crentes e não-crentes, dos amados e dos odiados, dos que o amam e dos que o odeiam, de *todos*, portanto. Para a todos entregar a Deus e assim a Eucaristia acontecer… E não se limita a entregar nas mãos de Deus toda a família humana: entrega mesmo *tudo*:

> "*Tudo o que aumentará no Mundo, ao longo deste dia, tudo o que diminuirá — tudo o que morrerá, igualmente —, eis, Senhor, o que me esforço por recolher em mim para Vo-lo estender* (…)".

Assumindo as esperanças e as dores de todos, invocando a tudo e todos, assemelha-se ao próprio Cristo que não foi indiferente a ninguém – pelo contrário; ainda que o próprio Teilhard reconheça que, por vezes, essa mesma indiferença para com o "Oceano Humano" é mais forte do que ele; e porque o reconhece, procura recordar-se e transformar-se por dentro em cada missa que celebra: por Cristo, com Cristo e em Cristo! E nós? Não seremos nós também "patenas" e "cálices" cheios das esperanças e dores, nossas e alheias, prontas a serem entregues a Deus para Ele as fazer Suas? Eis uma ideia que KING apresenta[13], falando de Teilhard.

E prossegue Teilhard, como que indo mais fundo no mistério da Eucaristia:

> *"Outrora, eram trazidas ao vosso templo as premissas das colheitas e a flor dos rebanhos. A oferenda que verdadeiramente esperais, aquela de que misteriosamente necessitais a cada dia para apaziguar a vossa fome, para estancar a vossa sede, são nada menos do que o crescimento do Mundo"*.

Atrevo-me a acrescentar que quem diz do Mundo, diz das pessoas. Outrora, eram trazidas coisas aos templos, ao Templo de Jerusalém; agora, é como diz Jesus à Samaritana (cf. Jo 4,23): *"os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende"*. Agora, o que Deus espera, o que Deus deseja, como homem apaixonado, como quem tem fome e sede, é o nosso amor em resposta ao d'Ele! Um amor que chegue ao ponto de dizer, como Teilhard: *"Senhor, fazei-nos um!"*. Um amor como consequência, como "prolongamento" de um desejo irresistível, aguçado pela consciência de que – e mais uma vez palavras de Teilhard e d' *A Missa – "Este pão do nosso esforço não é, por si próprio, bem o sei, mais do que uma imensa desagregação. Este vinho da nossa dor não é ainda, por desgraça, mais do que uma bebida dissolvente"*. E de que cabe somente a Deus coroar de êxito os nossos esforços de construção da unidade do género humano: na fé, na esperança e na caridade. *"Dar-vos-ei um coração novo."* (cf. Ez 36,26).

O FOGO POR CIMA DO MUNDO

Neste segundo momento desta "missa espiritual", Teilhard partilha connosco mais alguns dos seus pensamentos. Belos e profundos. Tão certeiros e actuais.

O primeiro deles surge logo no início desta parte: a ilusão de que o *"principio do ser"* (aquilo a que Teilhard chama de *fogo* e a que eu me atrevo a dar o nome de *espírito*) surge das *"profundezas da Terra, e de que a sua chama se acende progressivamente ao longo da brilhante esteira da Vida"* (que é como quem diz, do fundo de nós mesmos) e de que é a partir do nosso esforço, exclusivamente, que ele, além de nascer, cresce e se desenvolve. Dir-me-ão: *"Mas aquilo que somos a nós próprios o devemos!"* Com certeza que sim; mas, assim como o devemos em parte a nós, também o devemos a outros e, sobretudo, a Deus, que é Amor (cf. 1 Jo 4,8.16), ou seja, *ser em relação por excelência.* Ou, dito de outro modo – e usando mais uma vez as palavras d'*A Missa – "força inteligente, amante e activa"* – em nós e nos outros, de nós para os outros e dos outros para nós. E assim é, pois, *" muito longe de ser da nossa noite que gradualmente jorra a luz, é a luz anterior que, paciente e infalivelmente, elimina as nossas sombras. Nós, criaturas, somos, por nós, o Escuro e o Vazio. Vós sois, meu Deus, o próprio fundo e a estabilidade do Meio Eterno, sem duração nem espaço, onde, gradualmente, o nosso Universo emerge e se completa, perdendo os limites que no-lo faziam parecer tão grande.* (…)*"*. Portanto, para Teilhard, era Deus a fonte da vida e não a matéria. A propósito deste ponto, KING cita uma outra frase de Teilhard[14]: — *"A Terra não se auto-fecunda mas é Ómega-fecundada"*.

Deus comove-se (cf. Os 11,8)! Deus debruça-se sobre a Humanidade inteira e sobre a humanidade que cada um de nós é, como uma Mãe se debruça sobre o seu filho para o alimentar (cf. Os 11). E debruça-se como? Na pessoa de Cristo. Cristo é quem vem a nós, se debruça sobre nós, para nos lavar os pés (cf. Jo 13,3ss.) e fazer jorrar

[13] KING, T.M., s.j., *op.cit.* , pp. 158-159.

[14] Das *Notes de retraite, 1919-1954, p. 190 in* KING, T.M., *op. cit.*, p. 166.

sobre nós o seu Espírito (cf. Jo 20,19ss). Como que para nos reconduzir com Ele – *"Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos"* (cf. Mt 28,20) – a Ele mesmo, ao Amor, ao Pai: *"Eu e o Pai somos Um"* (cf. Jo 10,30). *"Quem me vê mim, vê o Pai"* (cf. Jo 14,9). Sai de si para nos chamar, a todos e a cada um, a Si e, juntos, regressarmos ao Pai, ao Amor – pleno, cheio, transbordante – o céu, portanto.

"Espírito ardente, Fogo fundamental e pessoal" – que bela forma de designar a Deus. É d'Ele que parte a iniciativa, porque nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4,19). *"Vossas, todas as iniciativas"*, para usar palavras de Teilhard. Seja na acção, seja na oração, como Teilhard confessa.

Por diversas vezes n'*A Missa* Teilhard faz referência às *mãos* de Deus. Algo que me fez recordar as mãos do oleiro que, cheio de paciência e perseverança, molda os vasos de barro (cf. 2 Cor 4,7; Jer 18,1-6). Fez-me recordar ainda o *"à boca de Deus"*, o beijo de Deus que nos insufla o espírito e a vida (cf. Gn 2,7). Permiti-me fazer ecoar aqui, exactamente aqui, as mesmíssimas palavras que Teilhard fez ecoar nas estepes da Mongólia, no topo do Mundo:

> *"Remodelai este esforço (…). Sobre toda a vida que vai germinar, crescer, florir e amadurecer neste dia de hoje, repeti: «Este é o meu corpo.» E, sobre toda a morte que se prepara para corroer, para pisar, para cortar, ordenai (mistério de fé por excelência!): «Este é o Meu sangue!»"*.

O sangue como mistério da fé por excelência. Eis um ponto que, para mim, constituiu uma novidade: ao contrário do que acontece hoje, em que o corpo e sangue de Cristo são o mistério da fé, até ao Concílio Vaticano II, apenas o sangue era considerado mistério da fé, e mistério da fé por excelência. A razão para tal facto era a de que, segundo KING, mas dito por palavras minhas, crer que Deus está presente quando a vida nos corre bem, dá-nos uma satisfação, uma consolação interior muito grande; mas, crer que também quando a vida nos corre mal a nós ou aos outros, Deus está presente e nos acompanha, é algo completamente diferente. Trata-se de aceitar as nossas limitações, sofrimentos, doenças e entregá-las a Cristo para que Ele as faça Suas, como se do Seu sangue se tratasse. E por isso se dizia que era o mistério da fé por excelência. Sobre este ponto, não consigo deixar de citar as palavras do Papa Bento XVI, mais propriamente da sua Encíclica *Spe Salvi*:

> *"Só a grande esperança-certeza de que, não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a história no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância, só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de continuar.(…)"*[15].

Com os nossos sofrimentos é Cristo que sofre connosco, pois, como disse mais acima, Deus comove-se… Em cada Eucaristia, Cristo assume as nossas dores para fazer suas; não se trata apenas de fazer memória das Suas dores de há 2000 anos! É também para pôr sobre a mesa as dores de hoje, de aqui e de agora! Permitam-me, sobre este ponto, partilhar convosco algumas palavras de Santo Agostinho († 430):

> «*"Tendo vindo até junto de nós, Cristo encontrou o que nós temos em abundância: penas, dores e a morte. Eis o que tu tens, eis o que entre nós existe em abundância. Ele comeu contigo o que se encontrava em abundância na pobre casa da tua infelicidade. Ele bebeu vinagre, ele provou fel (Jo 19, 29) – tudo quanto encontrou na tua pobre casa.*
>
> *Mas convidou-te para a Sua mesa magnífica, para a Sua mesa do céu, para a Sua mesa dos anjos, onde Ele mesmo é o pão (Jo 6, 34). Descendo até ti, e encontrando a infelicidade na tua pobre casa, não desdenhou de Se sentar à tua mesa, tal como era, e prometeu-te a Sua. [...] Assumiu a tua infelicidade, para te dar a Sua felicidade. Sim, dar-ta-á: Ele prometeu-nos a Sua vida.*
>
> *E aquilo que realizou é ainda mais incrível: deu-nos em penhor a sua própria morte. É como se nos tivesse dito: «Convido-vos para a Minha vida, onde ninguém morre, onde se encontra a verdadeira felicidade, onde o alimento não se corrompe, mas restaura, onde nunca falta e tudo preenche. Vede para onde vos convido. Para o país dos anjos, para a amizade do Pai e do Espírito Santo, para uma refeição eterna, para a Minha amizade fraterna. Enfim, convido-vos para Mim mesmo, convido-vos para a Minha própria vida. Não quereis acreditar que vos darei a Minha vida? Tendes a Minha morte como testemunho.»"*»

E eis que Teilhard me surpreende uma e outra vez: *"Tout ce qui arrive est adorable"*[16]; *"Tout est d'abord absurde, incohérent (le hasard), mais tout peut devenir adorable"*[17].

O FOGO NO MUNDO

> *"Aconteceu. O Fogo, uma vez mais, penetrou a Terra."*

Eis a Eucaristia. O que é a Eucaristia senão Cristo no meio do mundo, Presença Real, penetrante, infundindo o seu Santo Espírito? E certeiramente pergunta Teilhard:

[15] BENTO XVI. (2007). Encíclica *Spe salvi*, n.º 35.
[16] KING, T.M., *op. cit.*, p. 169.
[17] KING, T.M., *op. cit.*, p. 170.

"Forçará o Mestre as portas para entrar em sua casa? Sem abalo, sem trovões, a chama tudo iluminou pelo lado de dentro (…)*".*
"Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo.'" (Ap 3,20).
"Na nova Humanidade que hoje se engendra, o Verbo prolongou o acto sem fim do seu nascimento; e, pela virtude da sua imersão no seio do Mundo, as grandes águas da Matéria, sem um frémito, carregaram-se de vida. Nada estremeceu (…). *E contudo, misteriosa e realmente, ao contacto da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, fez-se Carne".*

Palavra, Verbo, *Logos*… Palavra, sempre palavra! Palavra que *pede* outra palavra. Assim como pela Palavra surge a vida, também por ela pode surgir a morte… Como não recordar, a partir destas palavras, a *Natividade de Cristo?* Como não recordar a própria vida de Cristo – que ainda que tenha culminado em 3 anos de vida pública – foi precedida por mais de três décadas no anonimato: numa carpintaria algures em Nazaré, no meio da multidão para ser baptizado por João Baptista, no meio do deserto?… Eis como actua Cristo: ainda que algumas vezes de modo extraordinário, espectacular até (veja-se a Transfiguração; vejam-se "as aparições" aos discípulos, no cenáculo, ou aos de Emaús; veja-se a "aparição" a Paulo, a caminho de Damasco), muitas mais são as vezes em que actua no ordinário, no quotidiano dos dias… tão discreta e silenciosamente que tantas vezes nem damos conta. E muitas vezes, só muitos anos depois.

Um outro aspecto me focou a atenção: o Universo ser semelhante à Carne. Nunca tinha pensado nisto; e devo confessar que foi – e de certo modo ainda me é – difícil compreender o real alcance desta afirmação. Consigo perceber se assumirmos que Cristo será no mundo, na medida em que for nas pessoas que o compõem, ou seja, indirectamente. Segundo KING, Teilhard acreditava que, graças à nossa fé em Cristo, tudo parecia animado por Cristo: *"as coisas, preservando a sua textura habitual, parecem feitas de uma outra substância…Pela operação da fé, é Cristo que aparece"*. E para explicar esta ideia de Teilhard um pouco melhor, KING, usa a seguinte analogia: *"é uma transformação que podemos comparar a um conjunto de pixels, de diversas cores e dispersos ao acaso num ecrã de televisão; de repente vêmo-los formar uma imagem, a do rosto de um amigo. São os mesmos pixels mas que agora, animados,* **tornam-se alguém** "[18]. Segundo KING, para Teilhard, a sua grande descoberta foi ter percebido que *"os cristãos podiam ver o mundo como a carne de Cristo e não como um véu que esconde tudo"*. E [KING] desenvolve: *"Nós não vemos directamente a alma (o interior) de quem quer que seja, mas, por intermédio da sua carne (os gestos, as hesitações, os sorrisos, os movimentos, a voz, o sorriso, etc.), chegamos a conhecê-las (o seu próprio interior, as suas almas). Da mesma forma, quando o mundo se ilumina, como que animado por uma alma, a matéria surge como carne, e assim nós conhecemos a Cristo como alma no interior de todas as coisas"*. Mas há que ter em atenção um aspecto: *"A própria carne revela e, ao mesmo tempo, oculta a alma; o universo faz a mesma coisa com Cristo. Uma análise química da carne não permitirá jamais descobrir a alma de alguém; da mesma forma, jamais uma análise química à matéria porá em evidência a Cristo"*[19].

Um outro ponto que Teilhard refere n' *A Missa*, e que me é especialmente caro, é a unidade das criaturas:

"(…) *que as criaturas sejam não só de tal modo solidárias entre si que nenhuma possa existir sem todas as outras para a rodearem — mas que estejam de tal modo suspensas de um mesmo centro real que é uma verdadeira Vida, sofrida em comum, o que lhes dá, em última análise, a sua consistência e a sua união".*

E porquê? Porque de certo modo é isso que nos mostra a natureza. E vai mais longe ainda. Umas linhas mais adiante, faz um pedido, uma súplica:

"Vós, Senhor Jesus, «em quem todas as coisas encontram a sua consistência», revelai-Vos enfim aos que Vos amam, como a Alma superior e o Núcleo físico da Criação. Nisso se joga a nossa vida, não o vedes? Se, pelo meu lado, não pudesse acreditar que a Vossa Presença real anima, flexibiliza, reconforta a mais pequena das energias que me penetram ou me roçam, acaso não morreria eu, transido de frio, na medula do meu ser?".

Faço referência à mesma por força dos termos usados. Considero que a natureza, a «criação», pelo modo como está organizada, nomeadamente pelas relações de interdependência que estão na sua base, apontam já para Cristo, mostrando aquilo que Ele mostrou com a sua vida: que é nas relações que a vida se *gera*, que a vida se *joga*. Ora, se assim é, realmente Deus está no mais fundo, no centro, no núcleo das coisas, da vida e de nós… E continua: *"Agradeço-Vos, meu Deus, por terdes, de mil maneiras, conduzido o meu olhar (…)".*

E nós, deixamo-nos conduzir por Ele?

Outro dos aspectos que me prenderam a atenção foi o momento em que descreve o que experimenta ao ver o Mundo a ser transformado em *Sacramento Eucarístico*:

[18] KING, T.M., *op. cit.*, pp. 170-171.

[19] KING, T.M., *op. cit.*, pp. 173-174.

"O que experimento (…) *não é nem a absorção do monista* (…) *nem a emoção do pagão* (…) *nem o abandono passivo do quietista*".

Descrição que me levou a perguntar: *"O que é que sentes então?"* – verificando que logo de seguida o próprio Teilhard me respondia a essa mesma pergunta:

"a atitude em que me fixa a Vossa Presença universal é uma ***síntese*** *admirável onde se misturam, corrigindo-se, três das mais temíveis paixões que alguma vez podem confundir um coração humano.*

(1) Como o monista, mergulho na Unidade total, mas a Unidade que me recebe é tão perfeita que nela sei achar, perdendo-me, a conclusão última da minha individualidade.

(2) Como o pagão, adoro um Deus palpável (…) Mas, para o captar como quereria (para simplesmente continuar a tocá-lo), preciso de ir sempre mais longe, através e para lá de toda a preensão — sem jamais poder repousar em nada —, a cada instante transportado pelas criaturas e ultrapassando-as a cada instante — num acolhimento contínuo e num contínuo desprendimento."

Quase como aquele verso do Hino de Completas, da *Liturgia das Horas*: *"Não tenho aqui morada permanente"*, da autoria de John Henry Newman (†1890).

(3) *"Como o quietista, deixo-me embalar, deliciado* (…) *Mas, ao mesmo tempo, sei que a Vontade divina só me será, a cada momento, revelada no limite do meu esforço. Só tocarei Deus na Matéria, como Jacob, quando tiver sido vencido por ele."*

Como a criança que se deixa embalar nos braços da Mãe, ou, como diz Jeremias: *"Seduziste-me Senhor, e eu me deixei seduzir! Tu me dominaste e venceste."* (cf. Jer 20,7)

Igualmente interessante é a descrição que Teilhard faz do modo como todo o seu ser vibra perante Cristo, na Eucaristia, nesta "missa espiritual":

"a exaltação de agir e a alegria de suportar; a volúpia de me conter e a febre de ultrapassar; o orgulho de crescer e a felicidade de desaparecer no que é maior do que eu."

A plenitude, portanto. *"O conhecer como sou conhecido"* (cf. 1 Cor 13,12). A sua felicidade é tal, o seu envolvimento é de tal ordem que chega a afirmar:

"E não saberia dizer, perdido no mistério da carne divina, qual das duas beatitudes é mais radiosa: ter encontrado o Verbo para dominar a Matéria, ou possuir a Matéria para alcançar e suportar a luz de Deus."

Segue-se uma belíssima oração:

"Fazei, Senhor, com que, para mim, a Vossa descida ao interior das Espécies universais não só seja querida e acariciada como o fruto de uma especulação filosófica, mas se torne para mim uma verdadeira Presença real. (…)*"* – pede Teilhard e pedimos nós… – *"Mas, no fundo, muito falta (falta tanto!) ainda para que Vós Vos torneis igualmente próximo* [se falta…]. *Transportados, todos juntos, no seio de um mesmo Mundo, formamos todavia, cada um de nós, o nosso pequeno Universo onde a Encarnação se opera independentemente, com uma intensidade e matizes incomunicáveis."* – ao que eu atrever-me-ia a acrescentar: de modo pessoal e intransmissível. – *"Nas mesmas circunstâncias, exactamente, que se aprestam para me envolver e envolver os meus irmãos, podeis ser um pouco, muito, cada vez mais, ou nada.* (…) *para que em toda a criatura eu Vos descubra e Vos sinta, Senhor, fazei com que eu acredite!*".

Referindo-se a grande parte deste excerto, nomeadamente ao facto de cada um de nós ser um micro-cosmos, KING aborda mais uma ideia de Teilhard: *Diafania* vs *Epifania*: *através* do mundo **vs**. *no* mundo[20].

COMUNHÃO

"Se o Fogo desceu ao coração do Mundo, foi por fim para me tomar e me absorver. A partir de então, não basta que eu o contemple e que, por uma fé preservada, intensifique sem parar à minha volta o seu ardor. É preciso que, depois de ter cooperado, com todas as minhas forças, na Consagração que o faz jorrar, consinta enfim na Comunhão que lhe dará, na minha pessoa, o alimento que ele veio por fim buscar."

Deus anseia por nós, deseja dar-nos o Seu Espírito, a Sua Vida, para que a nossa seja a d'Ele; deseja dar-nos a Sua Alegria para que seja a nossa e para que, sendo nossa, seja completa! (cf. Jo 15,11) E Teilhard vai mais fundo, concretizando:

"sob os traços de tudo o que eu encontrar, e de tudo o que me acontecer, e de tudo o que realizar no dia de hoje, desejo-Vos e espero-Vos".

Não sendo isto suficiente, indo ainda mais fundo, Teilhard chega ao ponto de dizer, de pedir que Cristo transforme *o pavor* e que, por vezes, se deixa tomar, em *alegria transbordante* de ser transformado n'Ele. Outra perspectiva interessante de Teilhard, referida por KING, é a seguinte, escrita em 1946: *"consécration=foi, communion=fidélité"*[21]. A qual me fez pensar: *"Realmente só a fidelidade me permite a constância para a comunhão; e só eu crendo, pondo toda a minha confiança, sou capaz de me entregar, de me consagrar a algo ou alguém"*. No

[20] KING, T.M., *op. cit.*, p. 176.
[21] KING, T.M., *op. cit.*, p. 178.

fundo é procurar chegar ao ponto de ser consumido por Aquele que consumimos na Eucaristia (*Corpus Chisti*), ou, como diria Santo Agostinho, referindo-se à Eucaristia:

> *"« O pão que vedes sobre o altar, santificado com a palavra de Deus, é o corpo de Cristo. O cálice, ou melhor, aquilo que o cálice contém, santificado com as palavras de Deus, é sangue de Cristo. Com estes [sinais], Cristo Senhor quis confiar-nos o seu corpo e o seu sangue, que derramou por nós para a remissão dos pecados. Se os recebestes bem, vós mesmos sois Aquele que recebestes ».(110) Assim, « tornamo-nos não apenas cristãos, mas o próprio Cristo ».(111)"*[22].

Regressemos à *Missa*: *"Tomá-lo é entregar-me"*. Ler isto fez-me recordar algo de muito semelhante que o Pe NOUWEN dizia num dos seus livros[23] e que me fez escrever a seguinte oração no final de uma reflexão pessoal sobre a *Ascensão do Senhor*, em 2007:

> *«Que o Paráclito nos permita ter sempre presente a verdade de que somos **amados**, **abençoados**, **escolhidos**, **partidos** e **entregues** ao mundo por Deus, para que Deus possa actuar em nós e nós possamos **Ser** e **Dar**-nos cada dia mais!»*[24]

E eis a entrega de Teilhard:

> *"Senhor Jesus, aceito ser possuído por Vós, e levado pela inexprimível força do Vosso Corpo, a que ficarei ligado, para solidões às quais, sozinho, nunca ousaria subir. Instintivamente, como todo o homem, gostaria de armar aqui em baixo a minha tenda num cimo que escolhesse. Tenho **medo**, também, como todos os meus irmãos, do futuro demasiado misterioso e demasiado novo para que me empurra o tempo que passa. E depois pergunto a mim próprio, ansiando com eles, para onde irá a vida... Possa esta Comunhão do pão com o Cristo revestido das forças que dilatam o Mundo libertar-me da minha **timidez** e da minha despreocupação!"*

Mas sem conseguir deixar de ter uma dose de medo, timidez e dúvidas existenciais; e reconhecendo ainda que sozinho não as pode ultrapassar, só com o *Emanuel* – Deus connosco: quanta franqueza, quanta honestidade…! *"Se o Vosso reino, meu Deus, fosse deste Mundo* (…)*"*

Mas não é; e quem o diz é o próprio Cristo a Pilatos, quando questionado por este (cf. Jo 18,36). Mas, por outro lado, não deixa de o ser, pois se reinar nos nossos corações, se tiver a soberania, a primazia, está em nós e – ainda que nós estejamos no mundo sem ser do mundo – ele também o está. Ou talvez ele (reino) apenas *esteja* e não *seja*… Bem vistas as coisas, ainda bem que assim é, ou seja, de que *está* no mundo e não *é* do mundo. Talvez seja uma das razões porque é eterno. E Teilhard sabe que não é, caso contrário, não afirmaria:

> *"Mas, porque o Termo em direcção ao qual a Terra se move está para além não só de cada coisa individual mas do conjunto das coisas* (…)"

Deus atrai todos a Si, incluindo o mundo: *«E Eu quando for erguido da terra, atrairei todos a mim»* (cf. Jo 12,32). E prossegue Teilhard:

> "(…) *não basta ao Homem viver cada vez mais para si próprio, nem mesmo entregar a sua vida a uma causa terrestre, por maior que esta seja. O Mundo só pode ir ao Vosso encontro, Senhor, através de uma espécie de inversão, de **reviravolta**, de **ex-centração*** (…)*"*.

Sem Cristo nada vale, tudo é vão! *"Ex-centração"* – atitude de serviço, portanto! *"Ele é que deve crescer e eu diminuir"* (cf. Jo 3,30). É necessário chegar ao mais fundo de si, e não ao mais alto, ao sucesso, ao êxito – daí a reviravolta, daí a ex-centração…

Mais adiante, desabafa:

> *"Para que o meu ser seja decididamente anexado pelo Vosso, é preciso que morra em mim, não só a mónada, mas o Mundo, quer dizer, que eu atravesse a fase dilacerante de uma diminuição que nada de tangível virá compensar. É por isso que, recolhendo no cálice a amargura de todas as separações, de todas as limitações, de todas as decadências estéreis, Vós mo estendeis. «Bebei todos.» Como recusaria eu este cálice, Senhor, agora que pelo pão que me fizestes provar se insinuou na medula do meu ser a paixão inextinguível de me juntar a Vós, mais longe do que a vida, atravessando a morte. A Consagração do Mundo permaneceria inacabada, há pouco ainda, se não tivésseis animado com a Vossa predilecção, para aqueles que acreditariam, as forças que matam, a seguir às que vivificam. A minha Comunhão estaria agora incompleta (não seria, muito simplesmente, cristã) se, com os suplementos que este novo dia me traz, eu não recebesse, em meu nome e em nome do Mundo, como a mais directa participação em Vós, o trabalho, surdo ou manifesto, de*

---

[22] (110) SANTO AGOSTINHO – *Sermo* 227, 1: *PL* 38, 1099; (111) SANTO AGOSTINHO – *In Iohannis Evangelium Tractatus*, 21, 8: *PL* 35, 1568 *in* BENTO XVI (2007). Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, n.º 36

[23] NOUWEN, H. J. M. (1992). "*Viver é ser amado* – Viver num mundo secular". Edições Paulinas. 3.ª Edição (Setembro 2002). 129 pp.

[24] Cf. BARROS, A. *Olhar de Cristo. Ascensão do Senhor* – VII Domingo da Páscoa. 17 de Maio de 2007. In Blogue **Σκέψεις** [URL: http://pensamentosclemens.blogspot.com/2010/05/vii-domingo-da-pascoa.html].

enfraquecimento, de velhice e de morte que incessantemente mina o Universo, para a sua salvação ou sua condenação. Abandono-me desmedidamente, ó meu Deus, às acções tremendas de dissolução através das quais se substituirá hoje, quero crer cegamente, à minha personalidade estreita a Vossa divina Presença. (…)".

Ao ler o presente excerto, que aqui faço ecoar perante vós com a minha voz, não consigo deixar de recordar a Cristo e às Suas palavras, em momentos particularmente significativos da Sua vida: *"Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres"* (cf. Mt 26,39) – *"Agora a minha alma está perturbada. E que hei-de Eu dizer? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente para esta hora é que Eu vim!"* (cf. Jo 12,27). Como se fosse um outro Baptismo: com Cristo morremos, com Cristo ressuscitaremos, para uma vida nova! Mas para isso é necessário que haja Sábado Santo, Vigília Pascal, a *"noite do ponto zero"*[25].

ORAÇÃO

*"E agora, **Jesus**, que, velado pelas potências do Mundo, Vos tornastes fisicamente e em verdade tudo para mim, tudo à minha volta, tudo em mim, porei numa mesma aspiração a **embriaguez** do que possuo e a **sede** do que me falta, e repetir-vos-ei, na esteira do Vosso servidor* (…)

Reparem nas palavras e nos verbos usados atrás: lindo! Profundíssimo! E prossegue:

*«Senhor, encerrai-me no mais profundo das entranhas do **Vosso Coração**. E, quando aí me tiverdes, queimai-me, purificai-me, inflamai-me, sublimai-me, até à satisfação perfeita dos Vossos gostos, até ao mais completo aniquilamento de mim próprio.»"*.

Segundo KING (p. 189), Teilhard nutria uma devoção particular pelo Sagrado Coração de Jesus – fruto do testemunho da sua mãe. Outra das razões aludidas é o facto de no seu tempo essa mesma devoção já se encontrar bastante enraizada e difundida no seio dos franceses, muito por força das visões de Santa Margarida Maria Alacocque (1714-1796). Estando nós a falar do coração de Cristo, e de Teilhard desejar ardentemente ser encerrado n'Ele, impõe-se a questão: E nós? Será que cremos em Cristo? Será que queremos que Ele nos transforme? Desejamos ardentemente estar no coração do Senhor, assim como Ele deseja estar no nosso? Pensar nisto fez-me recordar algumas das reflexões e questões levantadas pelo Santo Padre Bento XVI aquando da proclamação do Ano Sacerdotal, e que me levaram a reflectir. Escrevia o Papa nessa ocasião:

«No mundo actual, não menos do que nos tempos difíceis do Cura d'Ars, é preciso que os presbíteros, na sua vida e acção, se distingam por um vigoroso testemunho evangélico.*»* (cf. BENTO XVI, *ibidem,* pg. 6). Pergunto eu: *"E o mesmo não será válido também para todo o povo de Deus, para todos nós que somos Igreja?"* Com certeza que sim. O Santo Padre cita ainda uma frase de Paulo VI - *«o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas»* (cf. *ibidem*, pg. 6).

Aconselha os sacerdotes que não cessem de se interrogar (cf. *ibidem*, pg. 6) – conselho que eu estenderia a todos nós que somos Igreja, ou pelo menos procuramos sê-lo. Nesse sentido coloca as seguintes perguntas:

«*Somos verdadeiramente permeados pela Palavra de Deus? É verdade que esta é o alimento de que vivemos, mais de que o sejam o pão e as coisas deste mundo? Conhecemo-la verdadeiramente? Amamo-la? De tal modo nos ocupamos interiormente desta palavra, que a mesma dá realmente um timbre à nossa vida e forma o nosso pensamento?*»[26]

Prossigamos com Teilhard e *A Missa*:

"«Senhor.» (…). *Enquanto não soube ou não ousei ver em Vós, Jesus, mais do que o homem de há dois mil anos, o Moralista sublime, o Amigo, o Irmão, o meu amor permaneceu tímido e embaraçado. Amigos, irmãos, sábios, não os teremos muito grandes, muito raros e mais próximos, à nossa volta? E, de resto, poderá o Homem dar-se plenamente a uma natureza simplesmente humana?"*

… E quanto a mim, quanto a nós: seremos capazes de, como Tomé e como Teilhard, dizer – *«Meu Senhor e meu Deus»* (cf. Jo 20,28)? – Será que ainda estou no patamar de todos os outros classificativos? – ou nem isso sequer? – Onde estou afinal? Quanto a dar-se plenamente a uma natureza simplesmente humana, diria que não. E digo-o porque, sendo o ser humano incompleto – daí que seja um ser em relação – e almejando nós a completude, somente em Deus e no amor que Ele nos dedica, poderemos alcançar essa mesma completude. Permitam-me ainda, sobre este ponto, partilhar convosco alguns apontamentos pessoais, aquando do *Encontro de Taizé* no Porto, em Fevereiro de 2010[27]:

[25] KING, T.M., *op. cit.*, p. 185.

[26] Cf. CLEMENS (2009). Blogue **Σκέψεις**, post *Ano Sacerdotal (2009-2010)*, 14 de Julho de 2009. [URL: http://pensamentosclemens.blogspot.com/2009/07/ano-sacerdotal-2009-2010.html]

[27] Cf. CLEMENS (2010). Blogue **Σκέψεις**, post *Encontro de Taizé*, 09 de Fevereiro de 2010. [URL:

«No segundo *Workshop* em que participei, D. Manuel Clemente (MC) decidiu partilhar connosco algumas das suas reflexões sobre a questão – *"É possível a alegria?"*. Começa por referir que hoje em dia os jovens estão preocupados com a situação de incerteza, principalmente por causa do elevado desemprego. Neste sentido, manter a esperança e a alegria é difícil, muito difícil. Sem a alegria de Cristo, sem a alegria Pascal é muito difícil manter a alegria. De seguida colocou a questão: *"O que era a alegria de Cristo?»*. Procurando demonstrar como era a alegria de Cristo, leu e comentou alguns excertos bíblicos. Um deles foi o seguinte, do Evangelho de João:

> *«Também vós vos sentis agora tristes, mas Eu hei-de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há-de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria. Nesse dia, já não me perguntareis nada. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará. Até agora não pedistes nada em meu nome; pedi e recebereis. Assim, a vossa alegria será completa.»* (cf. Jo 16,22-24)

Eis dois dos comentários que consegui reter: *"Comigo e com o Pai está tudo garantido!"* (**MC**). *"Mesmo em família, na Igreja, por melhores que sejamos, há coisas que ninguém nos pode dar, nem nós podemos pedir. Só estando seguros no Amor de Deus somos livres e libertadores"* (**MC**).»

Voltemos novamente a Teilhard de Chardin:

> *"Estranhos procedimentos os do Vosso Espírito, meu Deus! — Quando, há dois séculos, começou a fazer-se sentir, na Vossa Igreja, o apelo distintivo do Vosso Coração, pôde parecer que aquilo que seduzia as almas era a descoberta, em Vós, de um elemento mais determinado, mais circunscrito, do que a Vossa própria Humanidade. Ora, eis que hoje, inversão súbita, se torna evidente o modo como, através da «revelação» do Vosso Coração, quisestes sobretudo, Jesus, fornecer ao nosso amor o meio de escapar ao que havia de demasiado estreito, de demasiado preciso, de demasiado limitado, na imagem que fazíamos de Vós. No centro do Vosso peito, apenas vejo uma **fornalha**".*

Aqui está, mais uma vez, aquilo que eu referia há pouco sobre a devoção de Teilhard ao Sagrado Coração de Jesus. Pessoalmente, aonde ele vê *fornalha*, eu vejo *fonte*. E digo-o tendo em mente uma frase do Apocalipse, presente no remate da *Carta da China* do Irmão Alois de Taizé – ***"O que tem sede que se aproxime; e o que deseja beba gratuitamente da água da vida."*** (**Ap 22,17**). Permitam-me, ainda sobre esta questão da "fonte", partilhar convosco o que escrevi para uma das minhas catequeses do ano passado[28], em que procurei reflectir sobre alguns artigos do Credo – *«creio»* – e sobre a questão da *vocação*:

«O Amor de Deus é a fonte de onde jorra água viva constantemente – veja-se o que Jesus diz à Samaritana (Jo 4, 5-42):

> *«Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!»* (v. 9) – *«Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.»* (vv. 12-13).

É a fonte de água viva onde somos todos convidados a beber (…). E, tendo bebido dessa água, somos convidados a dar de beber a outros, a provocá-los, para que também eles a bebam. Para que também eles a possam saborear e sentirem-se saciados, purificados, preenchidos, completos. Nisto consiste a *vocação*! *Abeirar-se* da fonte, *beber* e – bebendo – *dá-la* a outros. Não ao mesmo tempo nem do mesmo modo. Não pelo mesmo caminho de chegada ou partida. Cada um a seu modo e a seu tempo. O convite é pessoal e intransmissível. Mas, só comunitariamente pode ser exercido. Só comunitariamente pode dar frutos. Só comunitariamente podemos *aprender a beber* e *a dar de beber* a outros, a curar feridas ou a fazer a festa que é fonte da alegria. Tal como aconteceu nas Bodas de Canaã. (…)»

Regressando à *Missa* e a Teilhard, mais propriamente à alusão que este faz de Jesus, com o seu coração, vir inverter a imagem limitada que tínhamos d'Ele, a partir do nosso amor, permitam-me ainda partilhar convosco uma nota: simplesmente assim aconteceu e acontece porque o Amor é algo transbordante, logo, não é possível circunscrevê-lo, não é auto-controlado; se for, algo vai mal no nosso amor… Prossegue Teilhard:

> *"Cristo glorioso; Influência secretamente difundida no seio da Matéria e Centro deslumbrante em que voltam a ligar-se as fibras inúmeras do Múltiplo; Potência implacável como o Mundo e quente como a Vida; **Vós**, cuja fronte é de neve, os olhos de fogo, os pés mais cintilantes do que o ouro em fusão; **Vós**, cujas mãos aprisionam as estrelas; **Vós**, que sois o primeiro e o último, o vivo, o morto e o ressuscitado; **Vós**, que reunis na Vossa unidade exuberante todos os encantos, todos os gostos, todas as forças, todos os*

http://pensamentosclemens.blogspot.com/2010/02/encontro-de-taize.html]

[28] Cf. BARROS, A. (2010). *Um convite a beber da Fonte*. Aula XXVIII. 08 de Maio de 2010. 6ºAno. Catequese 2009/2010. Centro de Catequese Nossa Senhora de Fátima, CJ, Porto.

estados; era para Vós que todo o meu ser apelava com um desejo tão vasto como o Universo: Vós sois verdadeiramente meu Senhor e meu Deus!".

Como não ficar maravilhado com tão belas expressões?... Atrevo-me a dizer que se não entrou em êxtase ao escrevê-las, bem como a todo o texto, não deve ter andado muito longe…

"*«**Encerrai-me em Vós, Senhor**» — Ah, eu creio* (…) *Nada pode subsistir fora da Vossa Carne, Jesus, a tal ponto que mesmo aqueles que se vêem expulsos do Vosso amor continuam ainda a beneficiar, para sua desgraça, do suporte da Vossa presença. Estamos, todos nós, irremediavelmente em Vós, Meio universal de consistência e de vida! Mas justamente porque não somos coisas acabadas que possam ser indiferentemente concebidas como próximas ou afastadas de Vós, justamente porque em nós o sujeito da união cresce com a própria união que progressivamente nos dá a Vós* (…) *Senhor, ouvi o **desejo*** (…) **atraí-me a Vós!**"

Mais uma vez o desejo de união; mais uma vez a súplica, na plena consciência de que somos seres inacabados, em constante e progressiva construção – como a Igreja, não fosse ela, aliás, uma comunidade de pessoas que se querem irmãs… Não posso deixar de fazer referência a um ponto que me parece particularmente importante: o facto de Cristo estar presente mesmo quando os homens se auto-excluem da participação do Amor que Deus lhes tem e deseja dar. Mesmo quando o homem desce aos "infernos", mesmo aí, encontra Cristo.

"*Quanto mais profundamente sois encontrado, Mestre, mais universal a Vossa influência se descobre.*".

Ora nem mais! Vós que sois o "*infinitamente próximo e infinitamente distante*" – eis uma outra forma belíssima de designar a Deus e que Teilhard usa com propriedade. Permitam-me sobre este ponto, partilhar convosco uma reflexão pessoal sobre a Sabedoria e sobre Cristo[29], inspirada pela leitura de algumas palavras de Orígenes (†253):

««Segue-me»

Balaão tinha profetizado: «Como são formosas as tuas moradas, ó Jacob, e as tuas tendas, Israel» (Nm 24,5). Aqui, Jacob é o símbolo dos homens perfeitos em acções e em obras, e Israel, daqueles que buscam a sabedoria e o conhecimento... Daquele que cumpriu todo o seu dever e atinge a perfeição das obras, dir-se-á que essa perfeição das obras é a sua morada, a sua bela casa. Pelo contrário, para os que trabalham na sabedoria e no conhecimento, não há termo para os seus esforços — pois onde está o limite da Sabedoria de Deus? Quanto mais nos aproximarmos dela, mais profundidade lhe descobriremos; quanto mais a escutarmos, melhor entenderemos o seu carácter inefável e incompreensível; pois a sabedoria de Deus é incompreensível e inestimável. A estas pessoas, portanto, que avançam no caminho da sabedoria de Deus, Balaão não gaba as suas casas, pois não chegaram ao termo da viagem, mas admira as tendas com as quais se deslocam sempre e progridem sempre...

Quem faz progresso no conhecimento das coisas de Deus e adquire alguma experiência nesse domínio sabe-o bem: apenas chegado a qualquer conclusão, a qualquer compreensão dos mistérios espirituais, a alma descansa aí, como sob uma tenda; e depois de ter descoberto outras regiões a partir das suas primeiras descobertas..., dobrando a sua tenda de qualquer maneira, acampa mais acima e aí estabelece, por um momento, a morada do seu espírito... É assim que, sempre «lançada para diante» (Fl 3,13), ela avança como os nómadas com as suas tendas. Nunca chega o momento em que a alma incendiada pelo fogo do conhecimento de Deus se pode dar tempo para repousar; ela vai-se sempre lançando do bem para o melhor, e do melhor para o mais alto.» (…)

Nem sei por onde começar... Quão certeiras são as palavras de Origenes:

"(...) *para os que trabalham na sabedoria e no conhecimento, não há termo para os seus esforços — pois onde está o limite da Sabedoria de Deus? Quanto mais nos aproximarmos dela, mais profundidade lhe descobriremos; quanto mais a escutarmos, melhor entenderemos o seu carácter inefável e incompreensível; pois a sabedoria de Deus é incompreensível e inestimável.* (...) *Quem faz progresso no conhecimento das coisas de Deus e adquire alguma experiência nesse domínio sabe-o bem: apenas chegado a qualquer conclusão, a qualquer compreensão dos mistérios espirituais, a alma descansa aí, como sob uma tenda; e depois de ter descoberto outras regiões a partir das suas primeiras descobertas..., dobrando a sua tenda de qualquer maneira, acampa mais acima e aí estabelece, por um momento, a morada do seu espírito...* (...) *Nunca chega o momento em que a alma incendiada pelo fogo do conhecimento de Deus se pode dar tempo para repousar; ela vai-se sempre lançando do bem para o melhor, e do melhor para o mais alto"*

Quem melhor, para expressar a Sabedoria de Deus, do que *Tu* – nomeadamente naquilo que

[29] Cf. BARROS, A. *Cartas a Jesus*. 5 de Maio de 2009, Terça-feira da IV Semana da Páscoa, 19h39.

celebrámos no Tríduo Pascal: a Tua Paixão, Morte e Ressurreição? *Tu* és o Verbo de Deus, *Tu* és a Palavra de Deus última e definitiva; depois de Ti, Deus Pai não tem mais nada a dizer.

Quanto mais vou caminhando no conhecimento da Sabedoria de Deus, no conhecimento da pessoa que Tu és, mais maravilhado fico com essas mesmas descobertas, mas sinto que ainda é insuficiente... sinto que o meu conhecimento – na oração, na leitura dos Evangelhos, no estudo e sobretudo na vida – é imperfeito e que avança muito vagarosamente, tão vagarosamente que, por vezes, se não a maioria das vezes chego a pensar que não progredi nada, que ainda não desci tão fundo quanto seria desejável e que cheguei até a recuar... No entanto, agora que escrevo isto, recordo-me das Tuas palavras: *Ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho O quiser revelar* (cf. Mt 11,27) – ou seja, a minha vontade em conhecer-Te é importante mas não é suficiente, na medida em que a iniciativa parte primeiramente de Ti, daí que seja graça, dádiva. Mas, então, surge pergunta: *Será que Tu queres que eu Te conheça?* Quero acreditar que sim, caso contrário, que sentido teriam as Tuas palavras e a Tua Vida quando perguntas: *E vós, quem dizeis que eu sou?* (cf. Mt 16,15; Mc 8,29; Lc 9, 20) – *Tu amas-me?* (cf. Jo 21, 16) ou quando afirmas: *Segue-me* (cf. Mt 8,22) – *Eu vim para que tenham vida e a tenham em abudância* (cf. Jo 10,10) – *Eu sou a Ressurreição e a Vida* (cf. Jo 11,25)?. Em última instância, que sentido teria a Tua Paixão, Morte e Ressurreição – ou seja, a Tua entrega – se Tu não quisesses, de antemão, que Te conhecessemos e, conhecendo-Te, Te amassemos, sabendo que só se ama conhecendo e só se conhece amando? Nenhum digo eu; assim como Deus também não teria credibilidade nenhuma, na medida em que, sendo Tu a manifestação plena da natureza de Deus e sendo Tu mentiroso, Deus também seria mentiroso, logo, não faria sentido acreditar em nenhum de Vós, nem sequer no Espírito Santo.

Eu quero seguir-Te, eu quero tomar a minha Cruz porque acredito em Ti, na Tua Pessoa, porque acredito que só por Ti terei uma vida que é verdadeiramente vida e não mera sobre-vida, vida à superfície; mas também sei que sozinho não consigo fazê-lo, porque sou fraco, ingrato e infiel muitas vezes; por isso Te digo Senhor: **Maranatha (μαρανα θα) – Vem, Senhor Jesus!** Ajuda-me Senhor a acolher-Te no meu coração, a conhecer-Te e a amar-Te.

Resumindo e concluindo:

Qual é o projecto de Deus? Que nos **amemos** uns aos outros como Ele nos amou; que **sirvamos** os nossos irmão como Ele o fez; que nos **demos** aos nossos irmãos; que nos **façamos próximos** dos nossos irmãos, qualquer que seja a nossa e a sua condição de vida, qualquer que seja a cor da pele, qualquer que seja a idade, a profissão ou a religião... – enquanto pessoas portanto!

Qual é vontade de Deus? "A vontade de Deus é a de que alcancemos a Santidade" (Pe José Nuno, Capelão do HSJ no Porto).

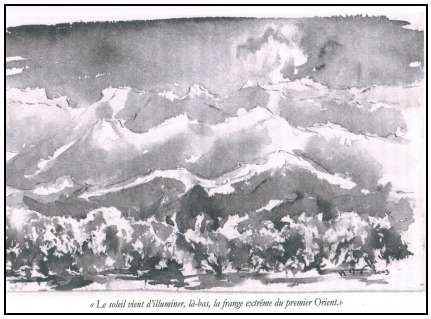
Quanto ao resto – se vou casar, se vou ter filhos, se vou ser historiador, cientista ou sacerdote – não importa que me preocupe, pois a Deus pertence, desde que possa amar, dar, servir e aproximar-me daqueles de que se faz a minha vida.»

Feita mais esta partilha, permitam-me fazer referência a uma outra ideia que encontrei no livro de KING: ***A vida como Eucaristia***! Assim que li isto, pensei: *"Faz todo o sentido!!!! Tendo em conta o que escrevi em tempos sobre a Eucaristia* – «Uma dádiva primeira que convida a uma dádiva segunda»[30] – *faz realmente todo o sentido! Pois, o que é a vida senão algo que nos é dado e que somos convidados a dar aos outros?"*

Para terminar, voltemos a Teilhard e à *Missa*:

> *"Por meio de uma combinação maravilhosa, com a Vossa atracção, do encanto das criaturas e da sua insuficiência, da sua doçura e da sua maldade, da sua fraqueza decepcionante e da sua força assustadora, exaltai e alternadamente desgostai o* ***meu coração****; ensinai-lhe a pureza verdadeira, a que não é uma separação amenizante das coisas, mas um impulso atravessando todas as belezas; revelai-lhe a caridade verdadeira, a que não é o medo estéril de fazer o mal, mas a vontade vigorosa de forçarmos, todos juntos, as portas da vida; dai-lhe, por fim, dai-lhe acima de tudo, por meio de uma grandiosa visão da Vossa omnipresença, a paixão venturosa de descobrir, de fazer e de suportar cada vez um pouco mais o Mundo, para cada vez mais, assim, penetrar em Vós."*

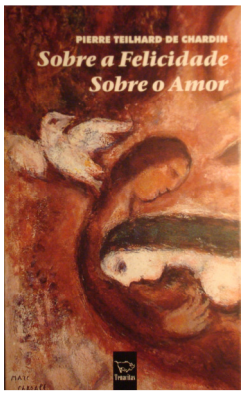
Amen
Ite missa est!
Abílio



[30] CLEMENS (2010). Blogue Σκέψεις, *post* Uma dádiva primeira que convida a uma dádiva segunda, 10 de Março de 2010. [http://pensamentosclemens.blogspot.com/2010/03/uma-dadiva-primeira-que-convida-uma.html]

OBRAS de TEILHARD – *à venda na AAPTCP*

Sobre a Felicidade, sobre o Amor
2ª Edição



Pierre Teilhard de Chardin *(Tenacitas, Coimbra, 2008)*

Este pequeno livro de Pierre Teilhard de Chardin – padre jesuíta, reconhecido cientista e crente desassombrado – reúne um conjunto variado de textos: reflexões, discursos de casamento, uma história de alpinistas e extractos de ensaios mais extensos. Nesta obra, Teilhard de Chardin ajuda-nos a entender em profundidade a condição humana e oferece um todo coerente, teórico-prático, sobre a felicidade e o amor, conduzido por uma perspectiva muito particular que torna real o ideal e possibilita a felicidade como um ir mais além de si mesmo e das gratificações imediatas, mas enganadoras.

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

Esta obra pode ser adquirida através da

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN EM PORTUGAL
Rua Vila de Catió, 397 – 6º esq., 1800-348 LISBOA
teilhard.portugal@sapo.pt

devendo para o efeito os interessados enviar cópia deste talão de pedido para o endereço postal indicado ou comunicá-lo por e-mail, fornecendo todos os dados.

Preço do livro à cobrança, ***incluindo portes de correio:***

"Sobre a Felicidade, sobre o Amor" - €7.50

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____

Contacto telefónico e/ou e-mail: _____

AAPTCP – *Actividades*

Celebração da Eucaristia em memória de Teilhard de Chardin,
por
130 anos do seu nascimento (1.Maio.1881)
100 anos da sua ordenação (24.Agosto.1911)
56 anos da sua morte (10.Abril.1955)

Assinalando estas efemérides, a AAPTCP convida os seus associados e demais amigos de Teilhard de Chardin a reunirem-se numa Eucaristia presidida pelo Padre Vasco Pinto de Magalhães sj., que será celebrada com estas intenções no

sábado, dia 7 de Maio de 2011, pelas 17.30 h
na capela da Casa de Exercícios de Santo Inácio,
Rodízio, Praia Grande, Colares

Assembleia-geral da AAPTCP

No passado dia 22 de Fevereiro, realizou-se a Assembleia-geral ordinária para aprovação do relatório e contas de 2010, bem como do plano de actividades e orçamento para 2011.
Para informação dos nossos associados que não participaram, a seguir publicamos o plano de actividades que foi aprovado.

Plano de Actividades – 2011

Actividades de carácter cultural:

Boletim:
Continuação da edição regular trimestral do Boletim "Teilhard em Portugal – Hoje". Procurar-se-á retomar a edição trimestral regular, coincidindo cada número com um trimestre certo.
Continuação da participação no projecto de Revista Europeia, com a edição semestral da versão de Portugal, nos moldes que se tem vindo a praticar.

Grupos de Leitura:
Continuação do acompanhamento dos Grupos de Leitura Teilhard de Chardin (em Lisboa, nas paróquias de S. João de Deus, de Colares e do Campo Grande, e no Porto, funcionando no CREU). Prosseguir o desenvolvimento desta actividade com a sua extensão a outros núcleos, sendo colocada a hipótese de fundar um grupo na cidade de Braga e outro em Lisboa (freguesia dos Olivais).

Curso Teilhard de Chardin:
Tentar um projecto de repetição do curso Teilhard de Chardin numa universidade em Lisboa ou outra localidade, nos moldes do que está a decorrer na Universidade Católica no Porto. O Prof. Michel Renaud projecta estar disponível para organizar este curso no decurso do ano 2012/2013.

Encontros, conferências, mesas-redondas:
- Maio/Junho: repetição do Debate sobre "Teilhard de Chardin e o Projecto de vida", animado pela Prof. Anna Albuquerque Feitosa, em data e local a determinar.
- Outono: conferência/debate a programar oportunamente no âmbito das actividades do «Instituto de Estudos Académicos Para Seniores», a funcionar na Academia das Ciências de Lisboa.
- Lançamento do projecto de homenagem ao Prof. Almerindo Lessa, cujo centenário ocorreu em 2009, incluindo possivelmente uma sessão na Academia das Ciências.

Actividade internacional:
Em 2011 comemora-se o centenário da ordenação de Teilhard de Chardin, que ocorreu em Hastings, Inglaterra, no dia 24 de Agosto de 1911. A comemoração deste evento vai ser assinalada pela *British Teilhard Association*, com um programa que terá lugar em Hastings. A nossa Associação irá estar presente a esta iniciativa.

Edição de obras de ou sobre Teilhard de Chardin em português:
Continuar a tentar interessar algumas editoras portuguesas a (re)editar obras que foram editadas em português nos anos 60 pela Moraes Editora, que deixou de existir mas cujos tradutores ou seus herdeiros poderão vir a conceder autorização para o efeito.

Actividades de carácter religioso:
6, 7 e 8 de Maio: Realização do 5º retiro baseado na espiritualidade de Teilhard de Chardin, dirigido pelo Pe. Vasco Pinto de Magalhães, aberto aos associados e a outros interessados.

Comemoração dos aniversários T. de Chardin (nascimento 1 de Maio, morte 10 de Abril):
Celebração duma Eucaristia com estas intenções, em data e local a anunciar.

Actividades de divulgação da AAPTCP:
1. Contactos com meios de comunicação social para acompanhamento das actividades culturais e participação em programas dos meios áudio-visuais (rádio, TV)
2. Distribuição de folhetos de apresentação da AAPTCP (com ficha de inscrição), em eventos com a participação de não associados
3. Realização de campanha de divulgação em órgãos seleccionados, como, p. ex., a revista Brotéria, revista de Filosofia, revista de Bioética, etc.
4. Actualização regular dos conteúdos do *site* da AAPTCP, com informação sobre as actividades, divulgação de textos de e sobre Teilhard de Chardin (em português e francês), notícias de carácter internacional, *links* a outros sites, etc. Numa próxima deslocação particular do secretário a Paris, este procurará obter junto da Associação francesa a formação suficiente para passar a gerir directamente o site da AAPTCP.

Lisboa, 31 de Dezembro de 2010
A Direcção

5º RETIRO ANUAL

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

6 (fim do dia), **7** (todo o dia), **8** (domingo, saída ao fim da tarde) **de Maio de 2011**

Casa de Exercícios de Santo Inácio
(Praia Grande, Colares)

orientado pelo

Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j.
(na óptica da espiritualidade de **Teilhard de Chardin**)

PREÇO DA INSCRIÇÃO (por pessoa): €20.00 (não sócios), €15.00 (sócios),
Custo de estadia completa na Casa de Retiros (2 dias): €76 por pessoa
Preço de refeições tomadas isoladamente: € 13 (não residentes)

Data limite de inscrição : 20 de Abril de 2011
(por ordem de data de chegada, com prioridade a sócios, até ao limite máximo de 50 pessoas)
Confirmação após recepção de cheque, com valor da inscrição, à ordem de AAPTCP

NOTA
A indicação de disponibilidade dos interessados não casais para a PARTILHA de quartos, permitirá acolher um número superior de participantes

(destacar pelo picotado)

FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O 5º RETIRO DA AAPTCP, 6, 7 e 8 de MAIO DE 2011

Nome(s): _____
(indicar entre parêntesis se é casal)

Associado da AAPTCP: nº _____ **Não-associado da AAPTCP:** _____
(assinalar com **X**)

Contacto: telefone _____ telemóvel _____
e-mail _____

Ocupação de quarto: (assinalar com **X**)

casal _____ **individual** _____ **não residente** (só refeições) _____
Se individual, indicar disponibilidade para partilhar o quarto: sim ____ não ____

Data: _____ **Assinatura:** _____

Enviar, acompanhado do pagamento da taxa de inscrição
(€15 associados, €20 não associados), para:

AAPTCP, R. Vila Catió, 397, 6º esqº, 1800-348 LISBOA (tlm: .912 341 356) ou
teilhard.portugal@sapo.pt

Pensamentos escolhidos por Fernande Tardivel
(Teilhard de Chardin, "Hino do Universo", Ed. Notícias,
2ª ed., 1996, tradução de Miguel Serras Pereira)

O QUE ME APAIXONA NA VIDA é poder colaborar numa obra, numa Realidade mais duradoura do que eu: é neste espírito e nesta perspectiva que procuro aperfeiçoar-me e dominar um pouco mais as coisas. A morte, ao vir tocar-me, deixa intactas essas coisas, essas ideias, essas realidades mais sólidas e mais preciosas do que eu próprio; a fé na Providência, por um lado, faz-me crer que a morte vem na sua hora, com a sua fecundidade misteriosa e particular (não só para o destino sobrenatural da alma, mas também para os progressos ulteriores da Terra). Então, porque temer e desolar-me se o essencial da minha vida não é tocado – se o mesmo desenho se prolonga, sem ruptura nem descontinuidade ruinosa? ... As realidades da fé não têm a mesma consistência sentida que as da experiência. Portanto, inevitavelmente, providencialmente, quando é necessário que troquemos umas pelas outras, há medo e vertigem. É então o momento de fazer triunfar a adoração e a confiança, e a alegria de fazermos parte de um todo maior que nós próprios.

(Carta a Marguerite Teillard-Chambon, de 13 de Novembro de 1916,
in "Genèse d'une Pensée")

LA PENSÉE de Teilhard

« Le fait évolutif vient nous rappeler que le mouvement principal du Réel est une synthèse, au cours de laquelle le plural se manifeste sous ses formes de plus en plus complexes et organisées, - chaque degré ultérieur dans l'unification se s'accompagnant d'un accroissement de conscience interne et de liberté. Au sein de la Durée concrète, la multiplicité indifférente et inerte n'existe pas. Il y a sans doute, secondairement, des cendres mortes. Mais de soi, originellement, la poussière, à tous ses degrés, est un indice de la vie naissante. – Un premier multiple suivi d'une première unification ; - à tous les étages successifs de la Conscience, une pluralité nouvelle se reconstituant pour permettre une plus haute synthèse : ainsi peut s'exprimer la loi de récurrence où nous nous trouvons pris **».**

(«Esquisse d'un Univers Personnel», *1936, Tome VI*)
Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin.
Divulgue a AAPTCP